

Bolsas	Bovespa	Global 40	Dólar	Euro	Capital de giro	CDB	Inflação
Na quinta-feira (em %)	Índice Bovespa nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na quinta	Quinta (em R\$)	Turismo, venda (em R\$) na quinta	Na quinta	Prefeção, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
+1,41% Novo 100%	61.545 64.815	US\$ 1,331 (▲ 0,188%)	28/outubro 1,75 29/outubro 1,73 30/outubro 1,76 03/novembro 1,72 04/novembro 1,72	R\$ 2,553	33,61%	8,05%	Maio/2009 0,47 Junho/2009 0,36 Julho/2009 0,24 Agosto/2009 0,15 Setembro/2009 0,24

# Longe da exuberância irracional

**CONJUNTURA /** Fundamentos do país garantem investimentos de curto e longo prazo hoje. Para evitar bolha, Brasil precisa cuidar das regras econômicas e de sua infraestrutura, impedindo forte fuga de capital no futuro

» RICARDO ALLAN

Em Londres, onde participou de um seminário sobre investimentos no Brasil, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, afirmou que o governo quer evitar uma excessiva valorização da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). Por isso, instituiu a cobrança do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) de 2% sobre a entrada de recursos estrangeiros no país para aplicar em bolsas, títulos públicos e renda fixa. Mantega recorreu a um termo cunhado pelo então presidente do Federal Reserve (Fed, o Banco Central norte-americano), Alan Greenspan, e a um filme de Hollywood para expressar o que pretende impedir: uma "exuberância irracional" na valorização dos ativos financeiros e uma "atração fatal" do dinheiro externo pelos bons rendimentos nacionais. Analistas afirmam que a situação está longe disso.

"Tivemos uma exuberância que foi racional. Justamente por não querer que ela se torne irracional é que tomamos algumas medidas", disse o ministro, segundo a Agência Reuters. "Queremos impedir um excesso de atração, uma fatal attraction, em relação ao Brasil. Queremos que venham os investimentos externos e os IPOs (oferta pública inicial de ações, na sigla em inglês), mas sem que se criem bolhas." Ele acredita que o fluxo global de capitais deve voltar ao equilíbrio quando o Fed aumentar os juros nos Estados Unidos e o excesso de dinheiro em circulação no mundo diminuir. Ainda assim, o Tesouro deve voltar a emitir títulos externos em reais.

Essa é uma das medidas em estudo para diminuir a entrada de dólares no país — até outubro, entraram R\$ 22,86 bilhões a mais do que saíram. Outra ideia é deixar as garantias necessárias para as compras de ações por estrangeiros fora do país. Na visão do economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, essas iniciativas são desnecessárias e inócuas. "Não estamos nem perto de uma exuberância irracional. A valorização do mercado de capitais está totalmente colada aos fundamentos da economia real. Não há nenhum exagero em vista", disse. O país está atraente porque equacionou a dívida externa, oferece pouco risco e boa rentabilidade, além de ter perspectiva de crescimento, por exemplo.

Na avaliação de Agostini, se a confiança nos destinos do país continuar aumentando, a Bovespa pode até passar dos atuais 64 mil pontos para 100 mil, sem que isso configure uma bolha. Para ele, a criação de travas ao capital externo não vai afetar a entrada de dinheiro e pode até mesmo jogar contra os interesses do Brasil, quando o mundo voltar a crescer a partir de 2011. "O efeito pode ser desastroso. Com várias restrições aqui e países desenvolvidos voltando a ficar atraentes, pode haver uma fuga de capitais do país", disse.

O estrategista-chefe do banco WestLB, Roberto Padovani, também duvida do surgimento de uma bolha no mercado. A Bovespa está até tendo valorizações acima do índice S&P 500, de Nova York, mas segue a tendência das grandes bolsas. "Não dá para falar

Carlos Moura/CB/D.A Press - 21/10/09



**Tivemos uma exuberância que foi racional. Justamente por não querer que ela se torne irracional é que tomamos algumas medidas"**

**Queremos impedir um excesso de atração, uma fatal attraction, em relação ao Brasil. Queremos que venham os investimentos externos, mas sem que se criem bolhas"**

Guido Mantega, ministro da Fazenda

» Memória

## A profecia de Alan Greenspan

Nos anos 1990, várias empresas com base tecnológica e ligadas à internet prosperaram nos Estados Unidos. Objetos de desejo dos especuladores, suas ações eram negociadas com valorizações exorbitantes. A Bolsa de Nova York chegou a superar o recorde de 6 mil pontos. Em 1996, preocupado, o então presidente do Federal Reserve (Fed, o Banco Central dos EUA), Alan Greenspan, tocou no assunto num depoimento no Congresso. Para ele, o que estava ocorrendo era uma "exuberância irracional", pois o aumento dos preços dos ativos não tinha nenhuma correspondência com o desempenho real das firmas.

Greenspan alertou que a conta seria paga no futuro. No ano seguinte, prejuízos seguidos das empresas ponto-com assustaram os especuladores, que correram para se livrar de seus papéis. A bolha tecnológica estourou e muitas companhias viraram pó. O presidente do Fed ganhou ainda mais prestígio como guru das finanças. Seus críticos afirmam que, no caso da valorização imobiliária, o mesmo ocorreu, mas Greenspan não fez nada para colocar os bancos na linha. Essa bolha também explodiu, causando a crise internacional que o mundo enfrenta hoje. (RA)

## Atração fatal

O ministro Guido Mantega se referiu ao filme *Atração fatal*, de 1987. Nele, o advogado Dan Gallagher (Michael Douglas) tem um caso passageiro com a executiva Alex Forrest (Glenn Close), num fim de semana em que sua mulher está viajando. Com a volta da esposa, Gallagher quer se livrar de Alex, que não aceita ser usada e descartada prontamente. Enfurecida, ela começa a perseguir o amante por toda parte. Numa cena famosa, tenta matá-lo com uma enorme faca. Noutra, cozinha o coelho da filha do casal numa panela. A película passou a configurar o pesadelo de todo marido infiel. (RA)

## Quinto do mundo só em 2026

» A ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, pré-candidata à sucessão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2010, se permitiu ontem, em Londres, ser mais otimista do que as previsões da revista britânica *The Economist*, que projetou o Brasil como quinta potência mundial em 2026, segundo o critério do Produto Interno Bruto (PIB) medido pelo poder de compra. Pelo método, elimina-se o efeito cambial e mede-se a quantidade de bens e serviços que uma pessoa consegue comprar com seu salário. De acordo com as estimativas da publicação, o Brasil, hoje o nono do ranking, pularia para o sétimo em 2011 e quinto somente 15 anos depois. Mas Dilma acredita que o quinto lugar chegaria mais cedo, já em 2016, graças ao êxito da produção industrial e agrícola do país combinado com a redução da pobreza e desigualdade de renda. Para ministra, o crescimento acelerado será garantido ainda pela expansão do mercado interno e aumento da oferta de crédito adotados pela política econômica em curso.

www.correiobraziliense.com.br



Leia mais: "Brasil, o improvável 5º maior do mundo"

a partir de que ponto se trata de uma exuberância irracional ou que o câmbio de equilíbrio é de R\$ 2,12, como disse o Nelson Barbosa (secretário de Política Econômica). Nem recuperamos a pontuação da Bovespa pré-crise, então não dá para vislumbrar isso agora" afirmou. O ápice da bolsa foi em 19 de maio de 2008, com 73.700 pontos, antes da quebra do banco Lehman Brothers, que agravou a crise. O piso foi 29.700 pontos, em 27 de outubro, num momento de pânico.

Padovani não vê nenhum lado negativo em atrair capital da maneira que o Brasil está fazendo. "Na minha cabeça, só há coisas positivas nisso. É reflexo da confiança no país, torna o mercado de capitais mais dinâmico, permite o desenvolvimento de uma importante forma de financiamento das empresas", disse. Além disso, o câmbio não seria o elemento mais importante para determinar o desempenho das exportações. "O que traz competitividade para o produto nacional não é o câmbio. O que importa nessa equação é a infraestrutura, carga tributária baixa, marcos regulatórios claros, entre outras coisas."

No seminário londrino, promovido pelos jornais *Financial Times* e *Valor Econômico*, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva não quis entrar na polêmica cambial, mas afirmou que o Brasil pode crescer até mais do que 5% em 2010. "Nem nós, brasileiros, temos plena dimensão do que está acontecendo no Brasil. É uma revolução silenciosa", disse a uma plateia de empresários.

Paulo Whitaker / Reuters - 16/3/04



Colheita de soja: safra brasileira de 2009/10 será recorde

## Potência agrícola

O jornal britânico *Financial Times* chamou o Brasil, em sua edição de ontem, de "superpotência agrícola pronta para alimentar o mundo". Lembrando que o país foi um dos que se saiu melhor na recessão, e que muitos de seus setores não foram sequer afetados, o periódico afirma que se o Brasil mantiver o rumo de sua política econômica e social e se não houver outra grande recessão no mundo, o mais provável é que continue no caminho do crescimento, apresentando uma série de oportunidades de investimento em diferentes setores.

O Brasil justificou a fama de celeiro do mundo. A safra 2009/10 de soja foi estimada em um recorde entre 62,5 milhões e 63,6 milhões de toneladas, de acordo com a segunda projeção da safra para o novo ciclo divulgada pela Companhia Nacional

de Abastecimento (Conab). Na previsão anterior, a Conab havia calculado a nova safra de soja em até 63,27 milhões de toneladas. Em 2008/09, o país produziu 57,09 milhões de toneladas. Se confirmada a previsão, a safra da oleaginosa será recorde, já que vai superar os 60 milhões de toneladas registrados em 2007/08. A produtividade do grão em 2009/10 foi estimada em 2.796 quilos por hectare.

Entre as cinco principais culturas analisadas pela Conab (algodão, arroz, feijão 1ª safra, milho de 1ª safra e soja), apenas a soja apresenta um crescimento na área a ser plantada. Segundo a entidade, isso se deve ao menor custo por hectare e a uma maior liquidez, além da expectativa de rentabilidade positiva apesar de menor que na safra anterior e aos baixos preços do milho e do algodão.